

A Comissão Europeia tem bons comissários, mas não grandes comissários políticos

Depois de Davos, houve quem visse Pequim como o novo farol do comércio internacional. É uma ideia correta?

Não, mas foi muito inteligente da parte do Presidente Xi Jinping ter feito isso em Davos, num momento em que toda a gente olhava para a Administração norte-americana sem saber o que dali vinha. O Presidente chinês lançou essa falácia, não por ser um protetor do comércio livre, mas porque garante que se senta à mesa das negociações, que quer encontrar um *modus vivendi* razoável para todos, que não quer conflitos de soberanias no Sudeste Asiático, que não vai invadir países e que vai consolidar o Acordo de Paris. Também porque está na disposição, penso eu, de aproveitar a saída dos EUA do TPP, para montar uma operação de charme bilateral com muitos daqueles países asiáticos. Olha para o mundo como uma grande oportunidade de afirmação – à chinesa. Paciente, com agressividade apenas do ponto de vista financeiro. No momento em que muitos países europeus estão debilitados financeiramente, isso é mel. A Comissão já fez 18 rondas negociais para um acordo de investimento com a China. Isso deve ser valorizado. Algum português sabe que isso está a acontecer? Não.

Isso é só um problema de comunicação?

De comunicação e de capital político. É preciso que os intervenientes tornem isso *mainstream*. O momento geopolítico internacional pede mais músculo político. A União atravessa um bom momento comercial e económico. Porém, não sei calendarizar as reformas do euro – tudo o que seja para o mês que vem já será tarde –, tem muitas disputas internas, a coesão está em xeque, tem um roteiro comercial com o Reino Unido, que tem tudo para acabar mal, sobretudo para o Reino Unido; tem pressões dos EUA, Rússia, China, pressão migratória... É um momento que exige muita sobriedade. **E**



“O POLÍTICO NÃO PODE FICAR CALADO COM A CHEGADA DE HOMENS DA MALA”

Há semanas, foi publicado um estudo que mostra a correlação entre austeridade no Reino Unido e apoio ao Brexit. Vivemos as consequências da resposta à crise?

A austeridade britânica é uma decisão do Governo, apesar de eles europeizarem os problemas. No resto da Europa, toda a gente percebeu que houve erros de análise e discursivos que alimentam a dicotomia Norte/Sul. Essas feridas não estão minimamente saradas. Basta ir a Chipre ou à Grécia. As receitas da Troika levaram a situações-limite.

Pode esperar-se que os povos entendam essas decisões, mesmo que racionais?

Ninguém nas instituições europeias

e dos líderes políticos nacionais ou comunitários perdeu tempo a pensar no efeito de repulsa que geraria ter três ou quatro senhores com uma maleta que chegavam a cada capital com um programa draconiano. Ninguém aceita isso, por mais consciente que esteja da necessidade de algumas medidas. Alguns líderes nacionais desvalorizaram o seu papel de intermediadores. Passaram a ser aplicadores de decisões comunitárias. É ao político que cabe liderar estes processos. Não pode ficar calado perante a chegada de homens da mala. Isso destrói tudo. E é muito difícil de recuperar. Em Portugal, a coligação ganhou as eleições, mas perdeu a maioria. Não sei se essa lição está bem estudada para a próxima crise.